

## Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão acerca de projetos voltados para a Área denominada de “Manaus Moderna” na cidade de Manaus/AM, que visam a criar atividades definindo os usos do espaço enquanto cenário. Essa área se coloca como um espaço de disputa por diversos interesses na cidade de Manaus. O foco do artigo recai sobre as transformações propostas para a área da Manaus Moderna e nas questões vividas por essa espacialidade atualmente, pois entende-se que ali são experimentadas as pressões e lutas de classes vivenciadas na cidade como um todo, e, portanto, estão evidenciadas as tensões do viver na cidade.

**Palavras-chave:** Manaus - Cidade, Memórias, História, Fotografias, Fontes Oraís.

### Para citar este artigo:

SILVA, Patrícia Rodrigues. Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 215 - 254. jan./abr. 2016.

**DOI: 10.5965/2175180308172016215**

<http://dx.doi.org/10.5965/2175180308172016215>

---

<sup>1</sup> Este artigo compõe a tese de doutorado intitulada: DISPUTANDO ESPAÇO, CONSTRUINDO SENTIDOS: Vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967-2010), defendida na Pontifícia Universidade Católica de SP em maio de 2011.

### Patrícia Rodrigues Silva

Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.  
Professora adjunta do departamento de História da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.  
Brasil  
parosilva@yahoo.com.br

## Proposing the straightening of the space: disputes over "modern Manaus"

### Abstract

This paper presents a reflection on projects for the area known as "Manaus Moderna" in the city of Manaus/AM, aimed at creating activities defining the uses of space as a setting. This area stands as a dispute of space by various interests in the city of Manaus. The focus of paper lies with the changes proposed for the area of Modern Manaus and issues experienced by this spatiality, it means that there are experienced the pressures and the struggles in the city as a whole, and therefore are highlighted the tensions of living in the city.

**Keywords:** Manaus – City; Memories; History; Photography; Oral Sources.

A área da “Manaus Moderna”<sup>2</sup> vem se constituindo enquanto espaço importante de comércio para a cidade de Manaus desde o final do século XIX<sup>3</sup>, e já comportou diversos elementos que foram lhe atribuindo uma variedade de denominações, como a “Cidade Flutuante”<sup>4</sup> (entre os anos de 1920 e final dos anos de 1960), Feira da Beira da Praia do

<sup>2</sup> O Projeto “Manaus Moderna”, que nomeia a última grande intervenção urbana nessa espacialidade, foi iniciado na segunda metade dos anos de 1980 e realizado por meio de várias etapas, cujos desdobramentos se projetam até a atualidade do projeto, previsto para ser executado em 36 meses, e sofreu várias prorrogações de prazos, conforme pode ser observado no documento “Resumo Cronológico do Projeto Manaus Moderna” que se encontra arquivado na Secretaria de Estado de Infraestrutura do Estado do Amazonas (SEINF) In: Programa de melhorias físicas do município de Manaus - AM. Contrato nº 019/86. Termos aditivos (AMAZONAS, 1986).

<sup>3</sup> Em 1855, foi criado, naquele espaço, a Ribeira dos Comestíveis. “Durante mais de um ano, a Ribeira funcionou como local central de abastecimento da cidade, abrangendo toda área que vai da Ponte dos Remédios até o igarapé de São Vicente, sendo legalmente a responsável única pela venda de todos os gêneros alimentícios à população de Manaus” (COSTA, 1988, sem paginação).

<sup>4</sup> A chamada “Cidade Flutuante” começou a se formar na cidade de Manaus por volta dos anos de 1920 e foi desativada em 1967. O nome Cidade Flutuante se deve à construção de expressiva quantidade de casas e comércio flutuantes no rio Negro, ocupando vasta área bem em frente à cidade de Manaus, começando bem em frente ao Mercado Municipal Adolpho Lisboa e se estendendo até o bairro de Educandos. Para uma discussão acerca da Cidade Flutuante, ver: SOUZA, Leno José Barata. “Cidade Flutuante”: uma Manaus sobre as águas (1920-1967). 2010. Tese (Doutorado em História). – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

Mercado, Feira da Escadaria dos Remédios, Feira da Banana e, mais recentemente, área e Feira Manaus Moderna. Nosso intuito é refletir acerca das transformações mais recentes e dos sentidos sociais a ela atribuídos.

Michel de Certeau (1994), ao distinguir “lugar” e “espaço”, nos aponta para a ideia de que o movimento condiciona a produção de um espaço. Segundo o autor, o “lugar” diz respeito ao estável, enquanto “o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1994, p. 202).

Vale observar que, pensado a partir da problemática do viver na cidade, um determinado “lugar” pode ser constituído de vários espaços, dentre os quais espaço de lazer, espaço de sobrevivência/trabalho, espaço de turismo/patrimônio histórico, local de passagem, “atalho” para outros espaços, e até local de degradação, gerando a “necessidade” de recuperação, e, por isso, é aqui entendido como objeto de análise histórica.

Essas áreas ou territorialidades são configuradas, portanto, a partir de uma “guerra de lugares”, como nos aponta Antônio Arantes (2000a).

Para compreendermos a constituição dessa gama de significados, faz-se necessário partir das experiências sociais edificadas naquele espaço. Assim,

nesse espaço comum, cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias ou os grupos sociais em suas múltiplas relações (ARANTES, 2000, p. 191).

Desse modo, tais espaços não podem ser entendidos por uma perspectiva apenas, ou como territórios cujos contornos identitários sejam únicos ou estejam claramente definidos. É preciso observar como eles vão sendo tecidos na experiência social, na vivência cotidiana das pessoas que ocupam e constroem esses espaços, seja física ou simbolicamente, criando múltiplos sentidos e significados.

É importante indicar, ainda, que essas territorialidades não devem ser entendidas simplesmente como um agrupamento de várias experiências ou vivências distintas, mas sim como um espaço onde múltiplos significados e sentidos se entrecruzam, criando “zonas simbólicas de transição [...]”. Mais do que territórios bem delimitados, esses ‘contextos’ ou ‘ambientes’ podem ser entendidos como zonas de contato, onde se entrecruzam moralidades contraditórias [...]” (ARANTES, 2000, p. 192).

É pela configuração desses espaços que a cidade se constitui, então, num amálgama de pessoas que vão articulando espaços e temporalidades diversas, formando esse todo onde as marcas materiais são apenas partes desse universo disforme e ao mesmo tempo articulado.

Para Antônio Arantes (2000, p. 200):

O trabalho, a viração, o lazer e a vida cotidiana constituem a cidade como sucessão de lugares articulados no tempo e no espaço, vertical e horizontalmente, pela mediação de zonas de liminaridade, fluidas, ambivalentes. Os marcos visíveis que perduram, lugares de identidade, são apenas parte de uma realidade mais profunda e mais extensa que os contextualiza e desafia.

Partindo de uma concepção que entende a cidade enquanto prática social, urge compreender as pessoas que constroem, disputam e desfrutam desses espaços, pois a cidade, como dito, não pode ser vista como um todo homogêneo. Sendo constituída de valores e projetos distintos, deve ser entendida como um todo heterogêneo. No dizer de Henri Lefebvre (2004, p. 46-47):

A cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos.

É dentro dessa perspectiva que buscamos compreender as transformações vivenciadas na área da Manaus Moderna, ou seja, percebendo a cidade como uma prática social que é resultante de um constante conflito de interesses.

Desse modo, vale salientar que, atualmente, essa área ainda se coloca como um espaço de disputa por diversos interesses na cidade de Manaus.

O mapa que se segue busca localizar fisicamente a área em questão, mostrando o espaço da Manaus Moderna através de uma fotografia de satélite.



Mapa Espaço da Manaus Moderna (fotografia de satélite).

Fonte: Manausonline.com (2009).

Legenda: 1 - Igreja Nossa Senhora dos Remédios; 2 - Terminal de Cargas e Descargas do Porto Flutuante de Manaus; 3 - Mercado Municipal Adolpho Lisboa; 4 - Feira Manaus Moderna; 5 - Estacionamento da Feira; 6 - Feira da Banana; 7 - Avenida Manaus Moderna; 8 - Avenida Marquez de Santa Cruz.

Os pontos destacados no Mapa sugerem a vitalidade dessa área para a vida na cidade de Manaus. A presença da Igreja Nossa Senhora dos Remédios<sup>5</sup>; o Terminal de Cargas e Descargas do Porto Flutuante de Manaus<sup>6</sup>, que concentra grande movimento de

<sup>5</sup> A Igreja Nossa Senhora dos Remédios foi construída em cima de um cemitério indígena, no século XIX, denotando, já naquele momento, um desejo de literalmente enterrar as práticas costumeiras dos habitantes do lugar. Sendo uma das igrejas mais antigas da cidade, a Igreja dos Remédios substituiu, por oito anos (de 1850 a 1858), a igreja matriz Nossa Senhora da Conceição, que queimara em um incêndio naquele ano, conforme relata Otoni Moreira de Mesquita (2006).

<sup>6</sup> O Porto de Manaus foi construído por uma empresa inglesa, *Manaos Harbour Limited*, no início do século XX, com o objetivo de dinamizar o escoamento do látex, bem como de melhorar o transporte de pessoas. Está situado entre a Praia de São Vicente e a rampa do Mercado Municipal Adolpho Lisboa. À esquerda da entrada, fica o edifício da alfândega, que veio pré-fabricado da Inglaterra, onde funciona o escritório, e, do outro lado da pista, ficam os armazéns destinados às mercadorias. À frente, fica a rampa que é destinada aos contêineres. Oficialmente, as obras de melhoramento do Porto de Manaus tiveram início em 7 de outubro de 1902, e se arrastaram, morosamente, por longos anos, sendo concluídas por volta de 1919 (PORTO DE MANAUS, 2011).

mercadorias que chegam e saem da cidade; o Mercado Municipal<sup>7</sup>, onde se vende uma variedade de frutas, verduras e artesanatos regionais; a Feira Cel. Jorge Teixeira (Manaus Moderna)<sup>8</sup>, maior entreposto comercial de verduras, frutas e peixes; a Feira da Banana<sup>9</sup>; e a própria Rua Marquez de Santa Cruz, tradicional rua de comércio na cidade, trazem à tona a importância desse espaço na dinâmica da cidade. Mas, é preciso ir além do que o mapa pode mostrar, e trazer os significados dessa espacialidade para aqueles que a constituem, entendendo como é vivenciada e construída no cotidiano.

Atualmente, faz parte daquele espaço, como se pode observar no mapa, um grande galpão metálico localizado bem em frente ao rio Negro: é a Feira Cel. Jorge Teixeira.

Conhecida localmente como Feira Manaus Moderna, este mercado foi construído no início dos anos de 1990, tendo sido inaugurado em março de 1994, e destaca-se tanto pelo seu tamanho físico (é constituída de estruturas metálicas e abriga, segundo dados da Prefeitura Municipal do Amazonas, 932 bancas e boxes, e 923 permissionários) como por sua atual importância no abastecimento de gêneros alimentícios na cidade de Manaus (é responsável pelo abastecimento de grandes redes de super e hipermercados, e também de restaurantes locais). Divididos em 10 setores diferentes, podem ser encontrados, na Feira Manaus Moderna, desde frutas e verduras, passando por carnes, peixes, lanches, até roupas, perfumes e alguns serviços como cabeleireiros e manicures.

Nesse sentido, vê-se que a espacialidade que atualmente denomina área da Manaus Moderna desperta, ainda hoje, várias referências de outros momentos e ritmos de sua ocupação, como foi relatado por diversos trabalhadores que atuaram e que atuam naquele lugar.

---

<sup>7</sup> O Mercado Municipal Adolpho Lisboa foi construído na segunda metade do século XIX, tendo como objetivo centralizar o abastecimento de gêneros alimentícios na cidade de Manaus. “O tradicional mercado é o que se pode chamar de ‘duas caras’. O prédio apresenta duas fachadas totalmente distintas, uma voltada para o rio negro e a outra voltada para a rua dos Barés.” (MESQUITA, 2006, p. 85).

<sup>8</sup> Grande entreposto de frutas, verduras, carnes e peixes, a Feira Cel. Jorge Teixeira, inaugurada em 1994, substituiu a antiga feira de madeira conhecida como Feira da Escadaria dos Remédios, uma alusão à Igreja Nossa Senhora dos Remédios.

<sup>9</sup> A Feira da Banana é um galpão anexo à Feira Manaus Moderna, onde não há boxes, mas as mercadorias ficam dispostas no chão, em espaços delimitados. Comercializam-se, ali, principalmente bananas, melancias, entre outros produtos.

Pode-se observar, através de conversas, outras referências, como uma presença mais forte da natureza, e a menção sempre intensa do comércio de hortigranjeiros e peixes. Assim, foram vários os relatos que possibilitaram realizar essa reflexão.

Nas memórias do Sr. José Moraes da Paz, 62 anos à época da entrevista, camelô há mais de 40 anos, e que trabalhou mais da metade desse tempo na área da Manaus Moderna, o comércio mais informal tornava-se destaque. Conforme contou o depoente:

[...] tinha muito naquela época ali, na beira da praia, tinha aqueles curral, né? De tartaruga... Você gosta de tartaruga? Tracajá, (...?... ) Cê chegava lá, – Aqui! Cê batia nele, quando tava espertinho, o pessoal só queria quando tivesse bem... esperto, né? Aí: – Esse aqui! Quanto é? – É tanto! – Me dá ele! Era assim, lá na beira, peixe... [...]<sup>10</sup>

Cabe ressaltar que a identidade desse lugar foi, ao longo de seu processo histórico, se configurando enquanto espaço de comércio e sociabilidade, e mesmo de lazer, fundamentalmente ligado à natureza.

Nesse sentido, encontramos a fala de Fabiano da Silva Paz, ex-camelô, casado, 34 anos à época da entrevista, professor de História da rede pública de ensino, que trabalhou por muito tempo nas imediações da Manaus Moderna, e também é filho de camelô, o Sr. José. Ao se recordar de sua infância nos anos de 1980, contou que ele e seus colegas gostavam de frequentar aquele espaço para nadar, pescar. Ele narrou essa época da seguinte maneira:

[...] praticamente era um barranco, né? Eu conheci aquilo ali; bem antes eu conheci aquilo ali como um barranco mesmo. Inclusive, eu até ia pra lá pescar, na época... com o pessoal daqui da rua, da Ferreira Pena. Eu ia com meus colegas pescar, então eu conheci aquilo ali antes de ser aquela... toda aquela estrutura hoje, né? Não era daquele jeito ainda, ainda tava em fase... iniciando de construção e tudo mais. Mas é... ali que a gente tomava banho, pescava e tudo mais...<sup>11</sup>

Nota-se dessa forma que a atual “Manaus Moderna” ainda remete aos seus frequentadores e àqueles que a configuram, memórias de outros tempos, de outros modos

<sup>10</sup> Em entrevista realizada em 26 de junho de 2008, em sua residência.

<sup>11</sup> Em entrevista realizada em 25 de junho de 2008, na Praça da Saudade, em Manaus.

culturais. Assim, se para o Fabiano, a recordação mais pujante é a do lazer, a espacialidade é recordada também e, fundamentalmente, como espaço de trocas, de convívio e do pequeno comércio varejista.

Nota-se que é sempre a “feira” que denomina o lugar. Ali é seu espaço de trabalho, é o que lhe dá dignidade, seu maior valor. É a partir da atividade comercial da feira que a vida naquele espaço parece se definir.

Vale perceber ainda que a prática da feira está tão arraigada que, mesmo hoje, sendo um amplo mercado formado por um grande galpão metálico, é designada como “Feira Manaus Moderna”. Mas, atualmente, de acordo com as reflexões do Sr. José Moraes da Paz, nos mercados da cidade só se veem produtos vindos do *Sul do país*<sup>12</sup>, e mesmo frutas e verduras que existiam em abundância, agora estão se tornando artigos de luxo.

A área da Manaus Moderna comporta uma infinidade de atividades e trabalhadores que vão cotidianamente configurando sua identidade atual. Nesse sentido, ao olhar para esse espaço, pode-se identificar, por exemplo, os carregadores de mercadorias que trabalham naquela área carregando uma diversidade de mercadorias para o interior dos barcos, e destes para a feira.

Outro grupo social que também pode ser observado na Manaus Moderna é o dos catadores<sup>13</sup>, que buscam nos contêineres espalhados pela avenida os alimentos descartados pelos comerciantes da Feira Manaus Moderna.

Os feirantes também se compõem nesse espaço. Definem-se pelo comércio realizado no interior da Feira Manaus Moderna e na Feira da Banana, vendendo hortigranjeiros, peixes e carnes, principalmente.

O Sr. Luiz Maia<sup>14</sup>, ao ser questionado sobre os pontos positivos de sua profissão, defendeu sua condição de feirante nas seguintes bases:

---

<sup>12</sup> Em entrevista realizada em 26 de junho de 2008, em sua residência.

<sup>13</sup> Apesar de não ter aprofundado a discussão acerca do grupo dos catadores, sinalizo sua presença pela qual eles, mesmo de forma individual e “desorganizada”, vêm se apropriando e se colocando como sujeitos na constituição daquela espacialidade.

<sup>14</sup> Em ORLANDI, Eni. As formas do silêncio. Campinas: Unicamp, 1997. Pag. 15 Compreendemos que “a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”. Assim, optei por transcrever as entrevistas preservando da forma mais literal possível a forma de falar dos entrevistados.



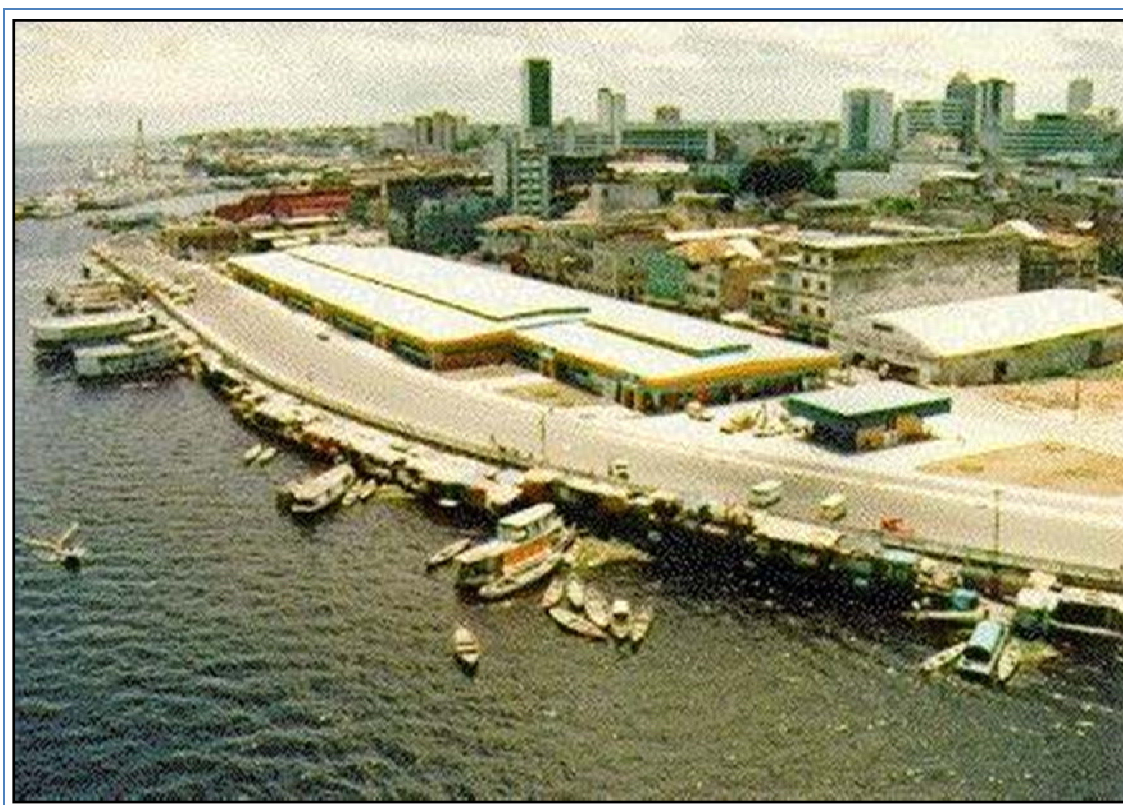
Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”

Patrícia Rodrigues Silva

Então o que sai daqui para o consumidor, tá saindo das minha mão e das mãos de otos colegas meu, nós recebemos do agricultor... Somos um conjunto de trabalho, o agricultor trabalha, ele planta, ele traiz e nós repassamo para o consumidor. Então, isso aí é um conjunto de trabalho. Sem o agricultor, nós num somo ninguém. Sem o feirante, o agricultor num pode produzir nada porque ele num tem a quem ele vender, concorda comigo?<sup>15</sup>

Essas são, entre outras, as diversificadas atividades e pessoas que configuram o espaço que hoje se denomina Manaus Moderna. Assim, pode-se observar que esse é um universo marcado por grande heterogeneidade.

Nas imagens fotográficas a seguir, ambas divulgadas pela internet, observam-se ângulos diferentes de uma mesma espacialidade, a Avenida Manaus Moderna:



Fotografia Avenida Manaus Moderna 1

Fonte: Imagem publicada no site Geocities (2008)

<sup>15</sup> Em entrevista realizada em 3 de julho de 2007, em um de seus boxes na Feira Manaus Moderna.

Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”  
Patrícia Rodrigues Silva



Fotografia Avenida Manaus Moderna 2  
Fonte: Imagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus (2008b)

Primeiramente é preciso destacar que as fotografias comportam várias subjetividades, como nos esclareceu Boris Kossoy (2007). Assim, é preciso levar em conta o escopo do fotógrafo que posiciona a objetiva, escolhe o ângulo, recorta a realidade. Também se faz necessário refletir os objetivos daquele que se deixa fotografar ou de quem encomenda a fotografia ao fotógrafo, quais os interesses, que imagem quer passar de si, que memória deseja perpetuar.

Perpetuando a memória num tempo paralisado e num espaço recortado, no dizer de Boris Kossoy (2007, p. 133), “uma fatia de vida, retirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem”, essa imagem se apresenta de forma silenciosa, impulsionando o olhar e a leitura a partir de seu interior, pois é aí que se encontra o “seu discurso”.

O uso das fontes fotográficas aponta para a necessidade de conhecermos o seu papel cultural, que tem o poder de nos informar, mas também de desinformar, sendo um:

[...] instrumento ambíguo do conhecimento, ela exerce contínuo fascínio sobre os homens. Ao mesmo tempo preservando as referências e lembranças do indivíduo, documentando os feitos cotidianos do homem e das sociedades em suas múltiplas ações, fixando, enfim, a memória histórica, ela também se prestou – e se presta – aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos. O papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória (KOSSOY, 2007, p. 31-32).

Desse modo, é possível notar que a imagem fotográfica tem servido para preservar a memória, seja ela coletiva, nacional ou individual/pessoal.

Apesar de não haver referências à data ou ao fotógrafo, observa-se que ambas as fotografias são relativamente recentes, pois tanto a feira (Fotografia 1) quanto o prolongamento da avenida (Fotografia 2) são obras já do final do século XX e início do XXI, sendo que a feira foi inaugurada em 1994, e o prolongamento da avenida na década seguinte.

Pode-se notar que a primeira fotografia valoriza a luminosidade do dia e permite observar a avenida, que separa, de um lado, a Feira Manaus Moderna e, de outro, o rio Negro, com os barcos atracados bem em frente à feira. Essa imagem apresenta um espaço calmo, passando a impressão de um local limpo, organizado, aprazível até.

A segunda fotografia, feita à noite, chama a atenção para a luminosidade artificial, querendo mostrar a iluminação colocada pela Prefeitura Municipal de Manaus, em 2008, com o objetivo de viabilizar passeios turísticos<sup>16</sup>. A imagem mostra a avenida por outro ângulo a alguns metros à frente da feira. Ela também dá conta de um lugar aprazível. Os barcos atracados dão a sensação de calma. Nota-se a valorização da iluminação pública. Há três pessoas caminhando tranquilamente pela calçada. Mais adiante, um carro parado; estaria pedindo informações? O movimento é calmo, a avenida parece um local bem tranquilo.

---

<sup>16</sup> Segundo notícia publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus, informando sobre a Feira Gastronômica Internacional: “Toda a área começa a receber iluminação especial, com o propósito de viabilizar a realização de passeios turísticos guiados, que proporcionarão aos visitantes, simultaneamente, oportunidade de conhecer os dois atrativos” (MANAUS, 2008a).

Entretanto, o que mais desperta interesse nessas duas fotografias não é o que se vê, não é o que elas retratam (para quem já passou por aquele espaço, causa estranheza tamanha serenidade), mas a ausência. A ausência dos vendedores ambulantes e do trânsito caótico. A ausência dos moradores de rua, que vivem perambulando por aquele espaço, e dos transeuntes que passam a noite por lá, muitas vezes vistos apenas como “bêbados e drogados” por parte da imprensa. A ausência do intenso movimento de mercadorias e seus carregadores que ganham a vida nesse espaço, misturando-se com os milhares de viajantes que chegam e vão para os diversos destinos do interior. A ausência dos catadores na disputa pelos restos da feira.

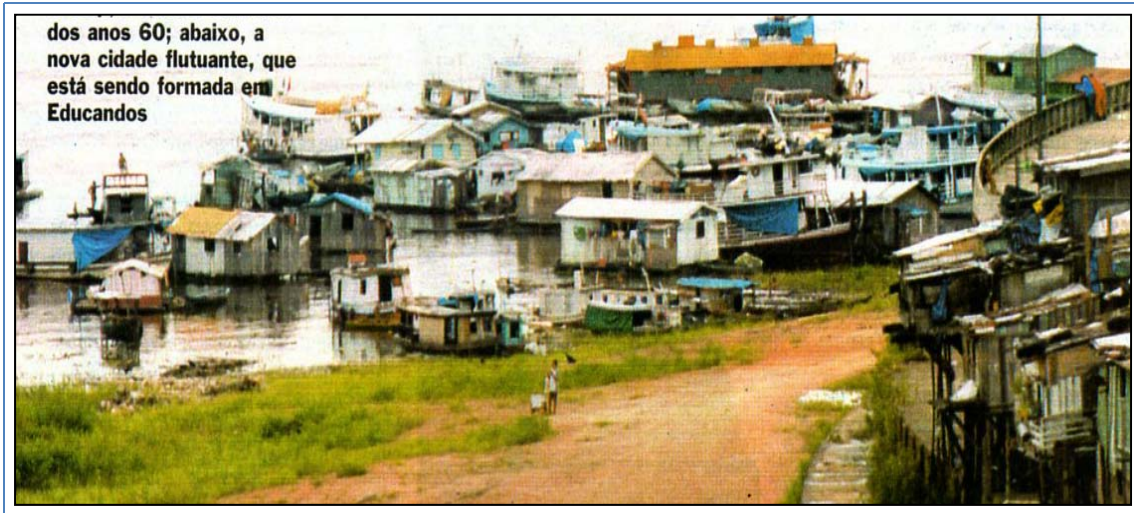
Retirada do *site* da Prefeitura Municipal de Manaus, a Fotografia 2, como já foi dito, chama a atenção para a iluminação pública naquele local e instiga algumas reflexões. O fotógrafo, ao escolher olhar aquele espaço “por cima”, de longe, oferece uma visão ampla, do todo, e revela uma concepção, talvez o desejo, de uma cidade idealizada, onde tudo está em “ordem”, no seu “devido lugar”. Assim, essas imagens oferecem possibilidades, desejos de organização, ao mesmo tempo em que se afastam das práticas cotidianas realizadas naquela espacialidade (CERTEAU, 1994).

Práticas essas que, segundo Michel de Certeau (1994), são responsáveis pela configuração dos espaços, ainda que seus praticantes não se deem conta de sua constituição<sup>17</sup>. A fotografia, como ressalta Anne Marie Granet-Abisset (2002), permite apreender representações. Sendo assim, pode-se ver, naquela imagem (Fotografia 2), uma representação da Avenida Manaus Moderna, uma visão idealizada daquele espaço na cidade pelo poder público, ou, melhor dizendo, a forma como o poder público municipal quer que aquele espaço seja visto.

Contudo, outros olhares são necessários. A imagem que se segue aproxima do espaço e oferece outra visão, mais próxima das práticas cotidianas.

---

<sup>17</sup> Segundo Michael de Certeau (1994, p. 23), “Os praticantes comuns da cidade moram ‘lá em baixo’, abaixo do limiar onde a visibilidade começa. Eles caminham – uma forma elementar dessa experiência da cidade, eles são caminhantes. *Wandersmänner*, cujos corpos acompanham resolutamente um ‘texto’ urbano, que escrevem sem ser capazes de lê-los. Esses praticantes fazem usos dos espaços que não podem ser vistos; o conhecimento que têm destes é tão cego quanto o dos amantes abraçados”.



Fotografia 3 Manaus, da cidade flutuante às palafitas regionais (fevereiro de 2000).  
 Fonte: Leno José Barata Souza (2010, p. 336).

A imagem acima permite perceber práticas que as imagens anteriores, feitas do alto, ocultam. Nela, pode-se observar uma pequena parte da Avenida Manaus Moderna (no alto à direita) e várias casas no leito do rio Negro, onde os moradores utilizam, inclusive, o próprio paredão que separa a avenida do rio.

Essa imagem é muito significativa, pois revela a permanência e a insistência de modos de viver que se buscam ver extintos.

Assim, postas lado a lado, as imagens feitas do alto e esta última revelam o que Antônio Arantes chamou de “guerra de lugares”, ou seja, as tensões sobre os modos de ocupação e os usos daquele espaço. As primeiras imagens, panorâmicas, representam aquele espaço a partir de uma idealização e de projetos urbanos, que buscam conformar a cidade a partir de interesses vinculados ao desenvolvimento capitalista; por outro lado, esta última imagem flagra a constituição do espaço no seu cotidiano, mostrando formas de ocupação dos setores populares que continuam a lutar por seus interesses, num enfrentamento cotidiano, e que insistem em manter e permanecer com seus modos de vida, adequando-se à nova realidade.

Nesse sentido, pode-se ver como exemplo a utilização do paredão, construído para dar suporte à avenida, o que teoricamente inviabilizaria a construção das palafitas e flutuantes no rio, e acabou servindo, muitas vezes, como suporte para essas casas.

Assim, compreende-se a importância de trazer para a discussão projetos/planos como o “Choque de Ordem”<sup>18</sup>, lançado recentemente (em 2010), e o “Centro Vivo”<sup>19</sup>, de 2008, ambos da Prefeitura Municipal de Manaus, cujos objetivos passam pela ideia de reordenamento da cidade e colocam em evidência os impasses, as tensões e as disputas de classe vivenciadas na cidade na atualidade. Embora sem a mesma organicidade do projeto anterior, o Projeto “Manaus Moderna” pode ser pensado como tentativas de atualização do projeto inicial da década de 1980 e de suas articulações com as novas lógicas e dinâmicas capitalistas para o planejamento urbano.

Sob o título “Manaus Moderna cai aos pedaços”, o “Jornal Repórter – O jornal de opinião” trazia em 23 de maio de 2008 em edição *on-line* um instigante artigo sobre o cotidiano da Manaus Moderna. O artigo trazia uma descrição do cotidiano daquele espaço, eivada, logicamente, da subjetividade de seu autor.

Sendo assim, antes de apresentar o conteúdo do artigo, faz-se necessário atentar-se à conjuntura política na qual esse discurso estava inserido.

Manaus, no momento da publicação do tal artigo (maio de 2008), vivenciava um momento peculiar: estava sob a administração de Serafim Correa (do PSB), prefeito que saiu vitorioso das eleições municipais de 2004, na disputa com Amazonino Mendes (então filiado ao PTB), membro do grupo político que havia se mantido no poder no Amazonas por duas décadas<sup>20</sup>. O ano de 2008 era de eleições municipais e, novamente, Serafim Correa (na busca

<sup>18</sup> Segundo notícia veiculada no site da Prefeitura de Manaus, inspirado no programa homônimo realizado no Rio de Janeiro, o prefeito municipal de Manaus, Amazonino Mendes, em conjunto com diversas Secretarias municipais, tais como Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento (Sempab) e Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (Implurb), propôs o “Choque de Ordem” em Manaus, objetivando “combater com ações de impacto as irregularidades cometidas em diversas áreas dentro do perímetro urbano de Manaus” (MANAUS, 2010b).

<sup>19</sup> Projeto proposto em 2008 pelo então prefeito municipal Serafim Correa, que tinha como objetivo: “Proporcionar melhorias das condições de conforto ambiental, estética e funcional no Centro da Cidade, através de execução de ações imediatas e de planejamento a médio e longo prazo”, como destacou a notícia veiculada no site da Prefeitura de Manaus (MANAUS, 2008c).

<sup>20</sup> Esse grupo foi iniciado e liderado por Gilberto Mestrinho (PMDB), político amazonense que, após período de exílio, retornou a Manaus em 1979, beneficiado pela Lei da Anistia, e foi eleito, em 1982, governador do estado do Amazonas. Desde essa época, só perdeu as eleições no estado em dois momentos: em 2004, para Serafim Correa, e, em 1988, para Arthur Virgílio Neto. O jornalista Orlando Farias, em seu recente livro “A dança dos Botos e outros mamíferos do poder” (2010, p. 22), lembra que “Já nas primeiras reuniões com correligionários em Manaus, Gilberto Mestrinho estabeleceu, sempre com ar de visionário, que iria se dedicar a formar quadros e construir uma hegemonia política que garantisse o poder pelo período de pelo menos duas décadas”.

de uma reeleição) disputava o cargo máximo do executivo municipal com Amazonino Mendes, e este acabou retornando ao poder no ano seguinte.

Importa destacar que, em vários momentos, os sentidos produzidos sobre a área da Manaus Moderna transformaram-se em disputas entre grupos políticos locais. Desse modo, nota-se um alinhamento do discurso veiculado no artigo da *web* a outros que já não eram novidade acerca daquela espacialidade e mesmo da cidade como um todo.

A busca de uma ordenação e conformação da cidade por alguns setores da sociedade manauara, representada pelo grupo aliado a Amazonino Mendes, pode ser observada, por exemplo, na década de 1980, por meio do projeto de autoria de Gilberto Mestrinho, que previa reorganizar e conformar a cidade para a nova realidade da Zona Franca. Esse projeto, significativamente intitulado de “Manaus Moderna”, previa, entre outras tantas obras, a construção de uma avenida que receberia o nome de Beira Rio, mas que ficou conhecida como Avenida “Manaus Moderna”, cujo objetivo era o de ampliar a fluidez no trânsito da capital amazonense.

O artigo citado nos dava conta de que

A construção da “Manaus Moderna” criada para melhorar o fluxo de veículos pesados do Porto de Manaus para o Distrito Industrial parou faz tempo. No entorno da “Manaus Moderna”, filas de carros estacionados estrangulavam o cruzamento de duas ruas estreitas. Um caminhão pequeno – um “Mercedinho” – carregado de mercadorias tentou entrar numa daquelas artérias e ficou “entalado”. Logo se formaram três filas de veículos nas duas ruas. Enquanto alguns curiosos foram chamar os donos dos veículos próximos ao buzinaço para que o pequeno caminhão pudesse passar, transcorreram 35 minutos (JORNAL REPÓRTER, 2008).

E o texto prosseguia em tom de denúncia, evidenciando outras tantas mazelas que se fazem presentes naquele espaço, como o lixo que sobe com a elevação do nível do rio e se mistura com os esgotos e com a fumaça dos automóveis e churrasquinhos espalhados pela avenida, “agredindo” os turistas que por ali chegam à espera de um encontro com uma “moderna” cidade.

Seu olhar parece voltado para a possibilidade do desenvolvimento turístico daquele espaço, visto que é a porta de entrada e saída da cidade. Assim, fazia questão de apontar

que: “O turista desavisado que chega a Manaus, ao invés de vê-la como exemplo de cidade moderna, como pretendiam alguns, testemunha uma das maiores palhaçadas do terceiro milênio [...]” (JORNAL REPÓRTER, 2008).

Para o articulista, esse espaço se configurava, naquele momento, como área de degradação, cobrando, assim, a atuação do poder público, como instância responsável para sanear-lo, tornando-o mais aprazível, principalmente para turistas e assim, podemos dizer, possibilitar o desenvolvimento de negócios lucrativos. Essa fala, que clama pela ordenação, parece ecoar interesses e visões muito semelhantes às que estiveram presentes em outros momentos dessa espacialidade, como, por exemplo, nos anos de 1980, quando foi possível construir/executar o Projeto “Manaus Moderna”.

Dois anos mais tarde, em 9 de fevereiro de 2010, o prefeito Amazonino Mendes, eleito em 2008, realizou, na Câmara dos Vereadores, a leitura da Mensagem Anual que abre oficialmente as atividades do Legislativo municipal. Entre a prestação de contas das ações realizadas em 2009 e o anúncio das metas para 2010, chama a atenção a seguinte:

Outra meta estabelecida para este ano é a **revitalização do centro de Manaus a fim de preparar a cidade para a Copa do Mundo em 2014**. “Um choque de ordem” deverá ser implantado a partir de 2010 nesta cidade implicando na obediência de um plano diretor novo, que deveremos apresentar a esta Câmara (MANAUS, 2010c, grifo nosso).

Primeiramente, é preciso apontar para o fato de que as transformações urbanas por que passam Manaus também são compartilhadas por outras cidades brasileiras em função de mega eventos como a copa do mundo de 2014 e também as olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, e elas, por sua vez, se relacionam com crises urbanas vivenciadas por outras cidades do mundo onde tais mega eventos vêm sendo realizados e largamente discutidos<sup>21</sup>.

Neiva Vieira da Cunha<sup>22</sup> nos alerta para o fato de que:

<sup>21</sup> Ver importante estudo sobre o Modelo Barcelona: DELGADO, Manuel. La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del modelo Barcelona. Madrid: Los libros de la Catarata, 2007,

<sup>22</sup> O “modelo Barcelona” em questão: megaeventos e marketing urbano na construção da cidade-olímpica”. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/15artigo29.pdf>. Consulta realizada em 29/05/2016.



Dentre as experiências de realização de eventos de tal magnitude, os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, têm sido uma referência obrigatória para pensar tanto os impactos que esses eventos podem ter para as cidades organizadoras, quanto para sua projeção em nível internacional. Desse modo, o “modelo Barcelona”, como passou a ser conhecido, tem servido de inspiração primeira para os grandes acontecimentos esportivos que terão lugar no Rio de Janeiro, orientando as propostas de planejadores urbanos e arquitetos para sua transformação em “cidade olímpica”. (P. 325)

Voltando ao trecho do jornal em destaque, observam-se importantes pistas para se buscar uma compreensão de qual é o entendimento de cidade desse grupo político que reassumiu o poder municipal no ano de 2008, qual seja o reordenamento da área central da cidade a fim de adequá-la à expectativa dos organizadores do evento “Copa do Mundo de Futebol de 2014”.

Assim como o “Jornal Repórter” clamava em 2008 por uma adequação da cidade e da área da Manaus Moderna para atrair e agradar aos turistas, o Poder Executivo municipal coaduna com essa perspectiva de cidade, na medida em que propõe, como grande meta para o ano de 2010, justamente conformar a cidade, ou melhor dizendo, a parte central da cidade, ao evento Copa do Mundo de 2014.

Assim, ao longo do ano de 2010, foi possível acompanhar, pelos diversos veículos de comunicação local, notícias das ações de reordenamento em vários locais da cidade, empreendidas pela Prefeitura por meio de várias Secretarias, como sendo parte do plano de um “Choque de Ordem”.

Em 25 de março de 2010, o jornal “A Crítica” noticiava uma das primeiras ações do tal “Choque de Ordem”:

Ontem pela manhã, uma operação de retirada de vendedores clandestinos do entorno da Feira Manaus Moderna, nas ruas Barão de São Domingos, Marquez de Santa Cruz e Avenida Manaus Moderna, deixou limpas as ruas que antes ficavam entupidas de carrinhos de mão, de madeira de supermercados, repletas de mercadorias de origem desconhecida. “A questão da ordem urbana é importante, mas também a saúde pública deve ser observada. É por isso que estamos atuando, diretamente, na retirada dos vendedores de alimentos que agem clandestinamente”, explicou o diretor de Comércio Informal da Sempab, Marcelo Schröder (MANAUS, 2010b).

Vale notar que alguns termos utilizados pelo articulista permitem compreender sua postura de concordância frente à ação municipal. Assim, nesse discurso, os trabalhadores do entorno da Manaus Moderna aparecem como “vendedores clandestinos”, suas mercadorias são de “origem desconhecida”, e, após a sua retirada, as ruas ficaram “limpas”.

Dessa forma, a notícia da retirada procura imprimir, no conjunto da sociedade, ou pelo menos aos leitores do tal diário, a ideia de que essa ação era necessária e que beneficiaria o conjunto da população.

A notícia ainda afirmava que “Com a operação de ontem, a volta dos vendedores ambulantes não será mais permitida. Os fiscais da Sempab vão ocupar as ruas para impedir a invasão dos carrinhos de mão” (MANAUS, 2010b).

A Prefeitura, além de empreender esforços para retirar os ocupantes considerados indesejados, também prometia não poupar esforços para garantir que eles não retornassem.

Os destaques dessa reportagem dão pistas para refletir qual é o projeto de cidade desejado pelos grupos que detêm o poder público atualmente na cidade de Manaus e ecoado pelo jornal diário “A Crítica”: uma cidade cujo conceito de organização passa pela segregação de parte de seus habitantes com vistas a receber turistas.

Sobre a questão da segregação, é significativa a fala do próprio prefeito municipal Amazonino Mendes, em entrevista veiculada pelo mesmo jornal “A Crítica”, em 6 de abril de 2010.

Quando perguntado sobre a sua prioridade enquanto prefeito, já que havia decidido não se candidatar ao cargo de governador, Amazonino respondeu:

Ajeitar a cidade. **Dentro de 150 dias eu retiro os camelôs.** Essa retirada dos camelôs vai ser precedida de um estudo técnico das necessidades de reorganização da cidade, passando pelo trânsito, estacionamento, sistema de transporte, restauração e construção de calçadas nos bairros, redefinição de uso do solo, novo Plano Diretor. Enfim, uma ação gigantesca. (SKYSCRAPERCITY, 2010, grifo nosso).

Para as elites representadas por Amazonino Mendes, “ajeitar a cidade” passa pela “retirada dos camelôs” das vistas dos turistas. Passa, portanto, pela segregação desses trabalhadores, uma vez que, no entendimento daqueles grupos, “eles invadiram definitivamente o direito dos outros” (SKYSCRAPERCITY, 2010).

Ainda na referida entrevista, o prefeito declarou que

Tem épocas e épocas. Houve uma época em que era correto proteger o camelô. Mas você sabe que da quantidade nasce a qualidade. É uma regra. Exageraram. Então, hoje eles (os camelôs) não podem mais ser protegidos. Não se pode mais deixá-los à vontade para fazer o que eles querem. Porque agora eles invadiram definitivamente o direito dos outros. Então, tem que se procurar uma solução e a única solução é o chamado “Camelódromo”, que foi uma ideia que eu tive no meu segundo governo, e não me deixaram fazer (SKYSCRAPERCITY, 2010).

No trecho da entrevista acima transcrito, o prefeito deixou claro que a presença de determinados grupos sociais, neste caso, os camelôs, é incômoda ao projeto de embelezamento da cidade, e a solução que se encontra é a segregação definitiva desses grupos em espaços (o Camelódromo) que saem das vistas daqueles que circulam pelo centro da cidade.

Outro aspecto importante a ser observado é que a fala do prefeito indica um consenso um tanto disseminado na opinião pública de que o camelô, atualmente, não se constitui mais num grupo que luta por seus direitos de trabalhar, mas está vinculado a grupos contraventores. Os camelôs aparecem, aqui nessa fala, como sujeitos ligados a atividades ilícitas, contrabandos, e, por isso, “não podem mais ser protegidos” (SKYSCRAPERCITY, 2010).

O chamado Camelódromo parece ser a última e definitiva solução proposta pelas elites incomodadas com a crescente presença desses trabalhadores nos espaços públicos. Essas elites não se mostram preocupadas com as condições e as estratégias de sobrevivência desses trabalhadores, pois pretendem definir seus destinos sem ao menos buscar um diálogo com esses grupos que, ao final, serão os que mais sofrerão os impactos.

Em sua edição de 7 de maio de 2010, o jornal “A Crítica” trouxe mais uma reportagem sobre as ações do “Choque de Ordem” na área da Manaus Moderna. Com o sugestivo título de “O fim da Manaus Moderna”, a matéria dava conta de que a intenção do poder público municipal era “acabar com as feiras, bares, as balsas, os pontos de atracação e o comércio da área da Manaus Moderna”, e também evidenciava o olhar do poder público para as pessoas que ocupam aquele espaço.

Desse modo, neste momento, assim como em outros, nota-se que um dos principais pontos de atrito é o pequeno comércio informal.

Manoel Ribeiro, que é diretor-chefe do Instituto Municipal de Planejamento Urbano (IMPLURB), afirmou, na aludida reportagem, que “Tudo que é ruim existe ali”. Ao continuarmos lendo a matéria, podemos identificar o que ele considera “tudo de ruim”. Nessa direção, a matéria continua, afirmando que “é facilmente verificável a ocorrência de tráfico de drogas, prostituição, desembarque de armas, mercadorias ilegais e substâncias entorpecentes”. E termina com a fala de Manoel, dizendo que: “Nossa ideia é tirar tudo e todo mundo. Aquilo que existe na área vai sair: balsas, vendedores, ambulantes. Todos serão removidos para o porto” (JORNAL A CRÍTICA, publicado em 7 de maio de 2010).

Interessante notar que, em momento algum, o entrevistado do jornal se referiu aos atacadistas. Ao que parece, o que ele entende como “tudo de ruim” é a presença popular de pequenos comerciantes, como ele mesmo afirma: “vendedores, ambulantes. Todos serão removidos para o porto” (JORNAL A CRÍTICA, publicado em 7 de maio de 2010).

Sendo assim, ao conversar com alguns trabalhadores da área da Manaus Moderna, é possível notar que o tal “Choque de Ordem” não tem sido bem recebido por aqueles que terão de sair e que, na iminência de serem retirados, buscam caminhos e estratégias para lidar com a expulsão de seus tradicionais locais de trabalho.

Foi com grande indignação que Josildo dos Santos, casado, 35 anos à época da entrevista, manauara, pai de três filhos, carregador de mercadorias desde os 15 anos na Manaus Moderna, nos falou sobre o “*assunto de tirar todo mundo dali*”.<sup>23</sup>

Segundo o entrevistado:

---

<sup>23</sup> Em entrevista realizada em 22 de abril de 2010, nas proximidades do porto da Manaus Moderna.

Eles tão sempre querendo tirar o povo daqui e o pior é que eles tira mesmo, porque tá com poder, né? Mas o povo volta mesmo, nós também temo o direito de tirar o sustento da nossa família. Quem faz isso aqui girar como nós mesmo! [...] Só fala nos marginal e esquece que a maioria aqui é pai de família e trabaiador assim, né!<sup>24</sup>

A fala desse depoente nos evidencia a “guerra de lugares” vivenciada na cidade. Enquanto aos poderes públicos o que importa é a conformação da cidade dentro de determinados padrões de embelezamento, outros grupos sociais, de trabalhadores como Josildo, estão mais comprometidos com o sustento de suas famílias e vão travando suas lutas cotidianas em defesa de seus interesses.

Nesse sentido, enquanto na fala dos representantes do poder público o destaque está no fato de que “Tudo que é ruim existe ali”, e assim se justifica a “necessidade” de reordenar os espaços na cidade; na fala de trabalhadores como Josildo, a questão mais importante é que “a maioria aqui é pai de família e trabaiador [...]”, e, portanto, a ocupação dos espaços é legítima, pois garante o trabalho e o sustento da família.

E nessa luta por interesses diversos, encontra-se também o Márcio Roberto Rocha Aguiar, 36 anos, ensino médio completo, curso técnico em Comunicação - Rádio. À época da entrevista, Márcio trabalhava na Feira Manaus Moderna como radialista, anunciando as promoções, mandando recados e informando os feirantes e clientes. Ele mostrou como esses trabalhadores vão se reinserindo nos espaços e reconfigurando seus modos de trabalhar na medida em que o poder público age enquanto representante dos interesses diversos do comércio estabelecido, dos capitais ligados ao turismo, entre outros das classes mais abastadas, de uma elite preocupada com a adequação da cidade aos interesses do capital.

Márcio é paraense de Belém, tem três filhos e trabalha na área da Manaus Moderna desde 1985, quando a feira ainda era de madeira e se denominava Feira da Escadaria (ou Feira da Banana). Veio para Manaus junto com seu pai, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Os membros da família já trabalhavam com hortigranjeiros na Ceasa do Pará e tinham um restaurante.

---

<sup>24</sup> Idem.

No início dos anos de 1980, seu pai, atualmente já falecido, veio para Manaus trazendo toda a família, atraído pela propaganda de que a cidade oferecia grandes oportunidades.

Ao falar de sua trajetória de vida, Márcio contou um pouco do seu trabalho:

Desde os meus 10 anos, quando eu não estava na Ceasa, eu estava atrás dum balcão de um bar, restaurante e churrascaria. Às vezes, eu passava o dia todo na Ceasa e, de noite, ia funcionar o bar, restaurante e churrascaria. Quando eu ia pra Ceasa durante o dia, a mamãe que ficava lá no bar, restaurante e churrascaria. Aí, quando eu chegava da Ceasa, três, quatro horas da tarde que a Ceasa fecha, aí eu ia dá o descanso da mamãe, ia assumir lá o outro comércio. Mas sempre assim... Tempo só pra estudar e... e... pra trabalhar<sup>25</sup>.

A história de Márcio está profundamente marcada pelo trabalho na área da Manaus Moderna. Toda a sua trajetória de vida é pautada nos momentos marcantes daquela área: a destruição da antiga feira de madeira, as incertezas antes da feira nova e a conquista de um espaço na Feira Manaus Moderna. Ele contou, com grande orgulho, que foi o seu pai quem iniciou o trabalho, com “carreto”, ou seja, com o atacado de frutas e verduras “importadas” do Nordeste e Sudeste.

Outro depoente que falou sobre a resistência imposta aos projetos “modernizadores” foi Josildo dos Santos. Ele contou que

Essa arrumação deles de... tirar o povo daqui é antiga... Sempre fala que aqui vai sê um negócio pra turista... é... esse negócio de parque temático, né? Olha a gente até sai, mas num tem como... acaba tendo que voltar, porque o lugar é aqui, né? Então a Senhora vê que tudo gira é aqui e aí a gente volta mesmo, como eu mesmo já fui mandado ir embora, fui, sofri e volto... Eu volto mesmo...<sup>26</sup>

Através da fala de Josildo, pode-se observar a resistência insistente e firme desses trabalhadores ao reivindicarem sua presença naquele local. Mais que a resistência, nota-se que é por meio da ocupação concreta que eles vêm garantindo sua presença e a identidade daquele espaço.

<sup>25</sup> Em entrevista realizada em 27 de junho de 2007, na rádio da Feira Manaus Moderna.

<sup>26</sup> Em entrevista realizada em 22 de abril de 2010, nas proximidades da Manaus Moderna.

Vale dizer que, dois anos antes do plano “Choque de Ordem”, outro projeto já havia sido lançado pela Prefeitura Municipal de Manaus, em 12 de junho de 2008.

O projeto, intitulado “Centro Vivo”, dá pistas para refletir sobre as concepções que informam as propostas e ações atuais de “planejamento urbano, a requalificação urbanística e ambiental e a inclusão social e econômica” (MANAUS, 2008d).

Em 2008, via seu site institucional, a Prefeitura anunciava que o projeto “Centro Vivo” tinha por objetivo: “Proporcionar melhorias das condições de conforto ambiental, estética e funcional no Centro da Cidade, através de execução de ações imediatas e de planejamento a médio e longo prazo” (MANAUS, 2008d).

Em 17 de agosto de 2008, o jornal “Amazonas em Tempo”<sup>27</sup> também noticiou que o Instituto Municipal de Planejamento Urbano (IMPLURB) tinha como objetivo revitalizar todo o centro da cidade, preservando-o como centro simbólico e atraindo turistas.

O projeto, segundo esse jornal, visava a remodelar todo o centro, com o intuito de atrair clientes para o comércio e também turistas. Segundo Auriane Carvalho, articulista do “Amazonas em Tempo”, “o projeto ‘centro vivo’, lançado no mês de julho, é aguardado com expectativa pelo público, que espera que as reformas na região central atraiam mais clientes e turistas ao local” (JORNAL AMAZONAS EM TEMPO, publicado em 17 de agosto de 2008).

Que público seria esse que aguardava, com expectativa, as reformas anunciadas pelo periódico? Antes de buscar respostas a essa questão, é preciso observar um pouco mais as informações que a Prefeitura Municipal oferecia.

Assim como os objetivos, a Prefeitura também anunciava os resultados esperados com o projeto “Centro Vivo”:

---

<sup>27</sup> Podemos notar que esse jornal atuou em alinhamento com o grupo político que estava no poder no período de 2004-2008, representante, principalmente, das camadas médias em Manaus. Em vários editoriais, há reflexões entusiastas das ações do poder público municipal, como por exemplo, em 16 de agosto de 2008, ao tratar o assunto “invasões e política”, ressaltou, por um lado, que “A sociedade manauara avançou. Tem sido mais crítica em relação a políticos, se tornou mais exigente, obrigando até a certa sofisticação das obras públicas. Dá a impressão de estar entendendo o mal que as invasões provocam [...]”, numa clara alusão à política de combate às invasões impetrada pelo poder público municipal. Por outro lado, responsabilizava o grupo político que o precedeu (e o sucedeu) pela política das invasões: “Seria bem mais fácil e barato se os administradores de plantão, ao longo de décadas, não permitissem a ocupação das margens dos igarapés, com derrubadas das matas ciliares e agressão à qualidade da água [...]”, e completava: “Como pode alguém, candidato a representar o povo, se valer de um instrumento tão danoso, como a invasão, para alcançar o direito a essa representação?”.

- Melhorias na Qualidade Ambiental;
- Melhorias no Sistema Viário;
- Recuperação de Espaços Públicos;
- Sistematizar as Ações de Limpeza Urbana;
- Promoção do Turismo;
- Melhorias na Iluminação Pública;
- Disciplinar os Espaços Públicos;
- Promoção do Resgate do Patrimônio Cultural;
- Melhorias na Acessibilidade;
- Recuperação das Áreas de Jardins e Mobiliário Urbano (MANAUS, 2008d, grifo nosso).

Em primeiro lugar, é preciso destacar a noção de espaço público transmitida nesse documento. Nota-se que todas as melhorias prometidas se referem apenas aos espaços físicos em si. Não há referências à ocupação desses espaços por pessoas, e, ao que parece, o que interessa é manter os lugares limpos, como se fossem verdadeiras vitrines para se colocar pessoas a partir de algumas atividades planejadas, com o intuito de manter “a ordem”.

Para a área da Manaus Moderna, foi anunciado que o projeto “Centro Vivo” proporcionaria uma atração internacional:

Projeto cria Feira Gastronômica na Manaus Moderna.  
 A partir do próximo dia 15, a orla da Manaus Moderna, no centro, vai ganhar uma atração internacional. O Comitê Gestor do Projeto Centro Vivo está concluindo os detalhes para a implantação da Feira Gastronômica Internacional que vai funcionar todas as sextas-feiras, das 18h30 às 22h30, em frente ao teatro Chaminé.  
 [...] A feira internacional oferecerá, ainda, shows musicais no gênero MPB, apresentações circenses, atividades esportivas e diversões para o público infantil (MANAUS, 2008d).

A perspectiva de disciplinar os usos do espaço público, no caso, a área da Manaus Moderna, pode ser evidenciada pela criação da Feira Gastronômica. Por meio das fotografias divulgadas pela Prefeitura, pode-se, inclusive, “ver” esse desejo de ordenamento e disciplinarização.



Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”  
Patrícia Rodrigues Silva

Nessa direção, as imagens da Feira Gastronômica colocadas no site da Prefeitura, no dia 13 de outubro de 2008, possibilitam refletir o modelo de ocupação desejada pela Prefeitura Municipal de Manaus para a Avenida Manaus Moderna:



Fotografia 4 Feira Gastronômica.

Fonte: Imagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus (MANAUS, 2008c).

A Fotografia 4, acima, apresenta a imagem de uma avenida ainda vazia, bem iluminada. Os meios-fios parecem recentemente pintados de branco. Todas as barraquinhas estão padronizadas, cobertas com lona branca. O ângulo escolhido pelo fotógrafo, ou seja, a parte de trás das barracas, tem a intenção de mostrar que aquele local está limpo. A fotografia sugere, claramente, um modelo de ocupação daquele espaço: organizado, disciplinado.

Essa perspectiva é confirmada se se observarem com atenção as imagens retratadas nas fotografias seguintes, quais sejam as de números 5 e 6.

Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”  
Patrícia Rodrigues Silva



Fotografia 5 Feira Gastronômica.

Fonte: Imagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus (MANAUS, 2008c)



Fotografia 6 Feira Gastronômica.

Fonte: Imagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus (MANAUS, 2008c).

Aqui, retrata-se o outro lado do evento, o espaço destinado ao público. As fotografias revelam a avenida tomada de pessoas; a maioria encontra-se sentada nas

Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”  
Patrícia Rodrigues Silva

inúmeras cadeiras e mesas espalhadas pelo local. Elas conversam, consomem, compram nas barracas, assistem a um show de dança árabe (ao fundo das duas fotografias note-se um palco com as dançarinas, uma atração internacional).

Observe que não há vendedores ambulantes (as pessoas que estão comprando bebidas ou comidas estão próximas às barracas). Nesses recortes fotográficos, as pessoas estão relativamente bem vestidas. Pode-se dizer que a feira tem como frequentadores a classe média. É um evento familiar, veem-se crianças. As expressões captadas são de pessoas que estão se divertindo.

Quando se pensa nos objetivos dessas fotografias – ilustrar uma ação da Prefeitura Municipal de Manaus –, não se pode deixar de pensar que as imagens não são tão inocentes quanto podem parecer a um primeiro olhar. A mensagem que elas passam é a de que há uma idealização na ocupação dos espaços públicos, ou, pelo menos, daquele espaço em especial: a diversão “deve” se dar sem excessos, de forma ordeira: as pessoas apenas conversam e consomem; sentadas, estão sorridentes, parecem felizes.

Observe as fotografias que se seguem:



Fotografia 7 Feira Gastronômica.

Fonte: Imagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus (MANAUS, 2008c)



Fotografia 8 Feira Gastronômica.

Fonte: Imagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus (MANAUS, 2008c).

As Fotografias 7 e 8 oferecem mais argumentos nessa direção. A Fotografia 7 mostra, em primeiro plano, duas crianças jogando xadrez e, ao fundo, uma mesa de pingue-pongue também sendo utilizada. As crianças do primeiro plano, sentadas, disciplinadas, posam concentradas no jogo. Não há correria, é uma diversão “ordeira”. A Fotografia 8, por sua vez, mostra quatro jovens igualmente sentados, jogando dominó, que posam sorridentes, mostrando que estão contentes com a diversão proporcionada.

É necessário ressaltar uma vez mais que as imagens acima (Fotografias 4, 5, 6, 7 e 8) foram retiradas do site da Prefeitura e, portanto, compõem um espaço de propaganda do governo municipal. Assim, elas evidenciam o discurso construído pelo poder público, compõem a narrativa que busca dar respaldo ao projeto da Feira Gastronômica, e apresentam, como já foi dito anteriormente, o modelo de ocupação desejada pelos grupos representados pelo poder público.

No momento inicial de sua administração (início de 2009), o prefeito Amazonino Mendes também voltou as suas preocupações para a Manaus Moderna, no sentido de

buscar um determinado ordenamento para aquela área. O modelo, mesmo tendo sido concebido na gestão anterior, parece ter sido abarcado pela atual gestão<sup>28</sup>.

Cumprir acrescentar que, além do evento “Feira Gastronômica Internacional”, o projeto “Centro Vivo” previa também ações a médio e longo prazos para a área da Manaus Moderna. Uma remodelação que, segundo seus idealizadores, possibilitaria uma melhora no fluxo de veículos e a transformação dessa parte da cidade em local de lazer e turismo:

“Centro 2015” - Projeto a longo prazo de zoneamento da área da Manaus Moderna, objetivando melhorar a qualidade de vida da população, proporcionando maior fluidez no trânsito de veículos com novas alternativas de vias e ordenamento da área por atividades de uso do solo (áreas residenciais, comerciais, de serviços e lazer) (MANAUS, 2008d, grifo nosso). Este é um projeto meu que não vou medir esforços até vê-lo concluído. Quero o Centro moderno e turístico sem deixar de lado os traços históricos que lembram o passado de Manaus, completou.<sup>29</sup>

Agora é necessário que se volte à questão suscitada algumas páginas atrás: Que público seria esse que aguardava com expectativa as reformas anunciadas pelo periódico e também pela Prefeitura? Seriam os trabalhadores daquela área, pessoas que ocupam aquele espaço em busca de sua sobrevivência, carregadores, vendedores ambulantes, moradores de rua? Eles foram consultados acerca dessas ações? É uma reivindicação deles? Ou seriam os usuários do porto improvisado da Manaus Moderna que reivindicavam tais modificações? Qual passado Amazonino prometeu não deixar de lado?

A imagem que segue foi veiculada pelo jornal “A Crítica” em maio de 2010, e procurava ilustrar matéria sobre o “Choque de Ordem”. Tendo como objetivo corroborar com o discurso do poder público de que as mudanças são “necessárias”, ainda assim ela pode ajudar a refletir acerca das questões suscitadas.

Assim, é necessário lançar o olhar para outras formas de ocupação e necessidade daquele espaço:

<sup>28</sup> Cabe frisar que o grupo político do qual Amazonino Mendes é representante é adversário político dos gestores anteriores, ou seja, enquanto o grupo de Serafim Correa tem inserção principalmente entre as camadas médias e parte dos empresários, o grupo liderado por Amazonino Mendes representa outra parte das elites empresariais.

<sup>29</sup> Segundo notícia publicada no site da Prefeitura Municipal de Manaus, em 18 de março de 2009, com a manchete: “Amazonino vai revitalizar o centro da cidade” (MANAUS, 2009a).

Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”  
 Patrícia Rodrigues Silva



Fotografia 9 Carregadores na área da Manaus Moderna.  
 Fonte: Imagem publicada no jornal “A Crítica” (edição on-line, de 7 de maio de 2010).

Essa imagem expressa outro olhar sobre o cotidiano vivido na Manaus Moderna. Seu recorte privilegia o intenso movimento de carros e caminhões, bem como de carregadores, vendedores, entre outras tantas pessoas.

Josildo dos Santos refletiu acerca de programas e projetos como o “Choque de Ordem” e o “Centro Vivo”.

Quando perguntado sobre o que achava do projeto “Centro Vivo”, o entrevistado fez a seguinte reflexão:

Eles (os políticos) falam que é pra melhorar, como de fato melhora, né? Porque o caboclo que trabalha aqui é... violência... É muita coisa que a gente vê, né? Mas eles tinha que olhar o outro lado também, do trabalhador, mas só fala é... em turismo é.. essas coisa... que, como diz o oto, traz coisa boa pra cidade, movimenta, traz dinheiro, mas o trabalhador tem que trabalhar, né? E eles só olha pr'um lado, sempre quem paga o pato somos nós, como diz o caboclo, a corda sempre arrebenta pro lado mais fraco, né?<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Em entrevista realizada em 22 de abril de 2010, nas proximidades da Manaus Moderna.

O trecho acima transcrito é extremamente rico na medida em que permite compreender que trabalhadores como Josildo têm clareza de que, apesar do discurso do poder, argumentar que o projeto visa a “melhorar a qualidade de vida da população”, não é toda população que será beneficiada e as possíveis melhoras atendem mais à lógica do capital (os turistas) do que os anseios daqueles que trabalham cotidianamente ali, como ele mesmo diz: “traz coisa boa pra cidade, movimenta, traz dinheiro, mas o trabalhador tem que trabalhar, né? E eles só olha pr’um lado, sempre quem paga o pato somos nós”.

Assim, importa refletir que o interesse em disciplinar os espaços públicos urbanos não se configura enquanto novidade na sociedade capitalista. Desde o século XIX, as elites políticas e econômicas têm se preocupado com a “ordem e a disciplina” nesses espaços. Assim, a vasta literatura sobre o assunto tem dado conta de que o esvaziamento da zona rural e o crescimento desordenado das cidades europeias, em função da industrialização no século XIX, geraram preocupações e intervenções, principalmente nos centros das grandes capitais.

No Amazonas, o final do século XIX e a primeira década do século XX trouxeram uma aceleração econômica gerada pelo crescimento da demanda mundial do látex, produto da seringueira, árvore nativa da região. Manaus, sendo a capital do estado, seu principal ponto de chegada e saída, atraiu imensas levas de migrantes, sobretudo nordestinos, que, fugindo da seca, buscavam oportunidades em algum seringal.

A cidade passou por um significativo crescimento demográfico sem infraestrutura e, conseqüentemente, sem condições de abarcar tamanha dinamicidade. Por outro lado, seringalistas, principalmente estrangeiros enriquecidos da noite para o dia, demandavam mudanças no meio ambiente da cidade, buscando comodidade e diversão, copiando as novidades vindas da Europa e se espelhando no Velho Continente como modelo de desenvolvimento.

As intervenções no centro da cidade de Manaus se deram, pois, naqueles anos, seguindo as premissas europeias que já vinham sendo seguidas por outras cidades

brasileiras, e trazendo como marca fundamental dessa metamorfose a exclusão de antigos moradores e trabalhadores pobres<sup>31</sup>.

Também na segunda metade do século XX as intervenções no meio ambiente social de Manaus se fizeram significativas. Com a instalação da Zona Franca de Manaus, uma nova lógica se apresentava à dinâmica da cidade, que passou por remodelações, atendendo aos interesses que se impunham.

Nesse sentido, é preciso dizer que Manaus, de forma geral, e a área Manaus Moderna, de forma específica, são frutos dessas intervenções, que, em diferentes momentos, a partir do final do século XIX, foram se colocando em atendimento a interesses imediatos variados e a partir de concepções diversas.

A preocupação com o disciplinamento e a intervenção no solo urbano, portanto, vêm de longa data; entretanto, os princípios que movem essa intervenção têm se transformado na medida em que a sociedade capitalista avança e coloca novas questões<sup>32</sup>.

De fato, podemos observar que as intervenções nos espaços urbanos têm se pautado em outras premissas. As transformações ocorridas no mundo capitalista a partir do pós-guerra, a necessidade de reconstrução das cidades europeias, bem como o processo de modernização das cidades americanas e a consolidação da nova lógica da globalização exigiram, segundo Otília Beatriz Fiori Arantes (1996), o surgimento de novas concepções urbanísticas e arquitetônicas que iriam se consolidar como alternativa no final do século, obedecendo à “nova” lógica da sociedade globalizada, em que o conceito de “cultura” se tornou central.

A referida autora, assim como outros estudiosos do urbanismo, tem mostrado que, se, anteriormente, “falava-se e agia-se em nome da sociedade em seu conjunto, [...]”.

---

<sup>31</sup> Sobre as transformações sofridas por Manaus no período áureo da extração do látex, conferir, entre outros: COSTA, Francisca Deusa Sena, *Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890/1915)*; DIAS, Edineia Mascarenhas, *A ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*; e PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte, *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus 1899-1925*.

<sup>32</sup> Ermínia Maricato (2007, p. 123) diz que “Após um século e meio de vida, a matriz de planejamento urbano modernista (e mais tarde funcionalista), que orientou o crescimento das cidades dos países centrais do mundo capitalista, passou a ser desmontada pelas propostas neoliberais que acompanham a reestruturação produtiva no final do século XX”.



Hoje, tudo parece obedecer ao princípio máximo da **flexibilização**” (ARANTES, 1996, p. 229, grifo da autora).

Segundo a autora,

[...] fala-se cada vez menos em planejamento da cidade, que deste modo, estaria obrigada a obedecer a um modelo estável de otimização do seu funcionamento, e cada vez mais, em requalificação, mas em termos tais que a ênfase deixa de ser predominantemente técnica para recair no vasto domínio do *passe-partout* do cultural (ARANTES, 1991, p. 229).

Desse modo, a partir da segunda metade da década de 1960, uma proliferação de movimentos sociais, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, trouxe “novos personagens para a cena histórica”<sup>33</sup>, deixando evidentes os limites daquela sociedade.

Naqueles anos, essas questões se apresentavam na forma de reivindicações e protestos contra essa sociedade. Era como se um surto maior de consciência tivesse acometido o chamado terceiro mundo. Contudo, três décadas mais tarde, nos anos de 1990, quando o capitalismo globalizado se expandia e o chamado neoliberalismo se consolidava, essas questões se mostraram num processo de reorganização do mundo capitalista, segundo alguns teóricos do pós-modernismo<sup>34</sup>.

Otília Beatriz Fiori Arantes (1996, p. 238) explica, a partir de Frederic Jameson, que

A expansão do capitalismo global teria produzido uma imensa liberação de energias sociais e, simultaneamente, algo como um “surplus” de consciência: terceiro-mundismo, regionalismos, movimento das minorias, revoltas estudantis, etc. Daí o sentimento generalizado de que tudo era possível. Ocorre que aquele “desatar global de energias” foi o exato contemporâneo de um processo em que as últimas zonas remanescentes do pré-capitalismo, espaços internos ou não, foram penetradas, colonizadas e submetidas à forma mercadoria, do terceiro mundo ao inconsciente bombardeado pela indústria cultural.

<sup>33</sup> Referência a Eder Sader (1991).

<sup>34</sup> Sharon Zukin (1996, p. 205) aponta o discurso de alguns teóricos do pós-modernismo que tratam da centralidade da cultura nessa reorganização do capitalismo, mostrando a importância do espaço para o consumo visual: “elementos dessa visão moldam o vocabulário comum da crítica cultural, da geografia radical e da economia política urbana. Desse modo, Frederic Jameson e Edward Soja foram capturados pela predominância do espaço sobre o tempo na pós-modernidade, Phil Cooke vincula a reorganização urbana e regional à reestruturação econômica e global associada ao pós-fordismo, e David Harvey enfatiza, sob a rubrica da ‘acumulação flexível’ e a influência de Debord e Baudrillard, as maneiras pelas quais a apropriação cultural tornou-se uma estratégia de fortalecimento do valor econômico”.

A cidade passou a ser pensada, portanto, em termos de consumo de seus espaços, e seus planejadores deslocaram suas referências dos médicos higienistas para os empreendedores. Assim, o chamado **planejamento estratégico** tem ganhado cada vez mais espaço nas intervenções urbanas.

Carlos Vainer (2007, p. 76) lembra que esse modelo de planejamento foi inspirado no planejamento empresarial e sistematizado nos Estados Unidos, mais especificamente na *Harvard Business School*, e que, “segundo seus defensores, deve ser adotado pelos governos locais em razão de estarem as cidades submetidas às mesmas condições e desafios que as empresas”.<sup>35</sup>

Assim sendo, percebe-se um novo delineamento na concepção de cidade e um deslocamento das preocupações do poder público, ou seja:

Se durante largo período o debate acerca da questão urbana remetia, entre outros, a temas como crescimento desordenado, reprodução da força de trabalho, equipamentos de consumo coletivo, movimentos sociais urbanos, racionalização do uso do solo, a nova questão urbana teria, agora, como nexos central a problemática da competitividade urbana (VAINER, 2007, p. 76).

Ainda segundo Carlos Vainer (2007), é possível observar que as cidades passam a ser pensadas como uma mercadoria de luxo, e a preocupação dos governos locais gira em torno da necessidade de tornar essas cidades atraentes ao capital transnacional. É preciso, pois, criar espaços valorizados por esse capital, pois a cidade-mercadoria será “consumida” não por todos, mas apenas por quem pode pagar por ela. Assim, é preciso excluir os conflitos e “despolitizar” a cidade. Nas palavras do autor:

Este projeto de cidade implica a direta e imediata apropriação da cidade por interesses empresariais globalizados e depende, em grande medida, do banimento da política e da eliminação do conflito e das condições de exercício da cidadania (VAINER, 2007, p. 78).

---

<sup>35</sup> Otília Beatriz Fiori Arantes (2007) também discute o surgimento dessa “nova” concepção de planejamento e intervenção urbana.

Nesse sentido, o que está no centro do projeto teórico e político do planejamento estratégico urbano é a ideia de competitividade entre as cidades. Daí a justificativa para pensá-las como empresas. As cidades estão na disputa por maiores investimentos e, por isso, precisam se apresentar atraentes, principalmente ao capital internacional. Há uma concorrência entre as cidades para se venderem enquanto mercadoria, atraindo investimentos e tecnologia, como se os seus problemas fossem resolvidos a partir da presença desses dois elementos.

Desse modo, a cidade que é gerida e planejada estrategicamente tem como objetivo ser competitiva e “produtiva”, e trazer resultados, isto é, atrair investimentos e tecnologia, como já foi mencionado. Dentro dessa perspectiva, seria, portanto, a iniciativa privada a mais competente para colaborar na administração dessas cidades, visto que os empresários têm “experiência” na administração empresarial. Propõe-se, dessa maneira, uma “parceria” entre o público e o privado. Sobre essa relação, Carlos Vainer (2007, p. 89) vem alertando que:

[...] a analogia cidade-empresa não se esgota numa proposta simplesmente administrativa ou, como muitas vezes pretendem apresentar seus defensores, meramente gerencial ou operacional. Na verdade, é o conjunto da cidade e do poder local que está sendo redefinido. O conceito de cidade e com ele os conceitos de poder público e de governo da cidade são investidos de novos significados, numa operação que tem como um dos esteios a transformação da cidade em sujeito/ator econômico [...] e, mais especificamente, num sujeito ator cuja natureza mercantil e empresarial instaura o poder de uma nova lógica, com a qual se pretende legitimar a apropriação direta dos instrumentos de poder público para grupos empresariais privados.

Ainda na trilha de Carlos Vainer (2007), podemos dizer que, quando se “vende” uma cidade, vendem-se os elementos que são valorizados por aqueles que “podem pagar”. Daí, se um determinado espaço na cidade se configura em um espaço virtualmente valorizado para a “venda”, a preocupação por parte do poder público recai menos sobre a população que habita e constrói cotidianamente aquele espaço, e mais na busca de conformar tal espaço para que se torne agradável ao “consumidor”.

Na cidade pensada e gerida estrategicamente, não se tem espaço para a vivência política. Os conflitos e debates, que são partes integrantes da convivência democrática,

devem ser excluídos em favor do consenso. Pois, na cidade pensada pela perspectiva de uma empresa, o conflito “atrapalha” a produtividade. Só o consenso garante a competitividade no mercado<sup>36</sup>.

Dessa maneira, o planejamento estratégico “precisa” do consenso para ser efetivado, ao mesmo tempo em que o consenso é o seu objetivo final. É ainda com Carlos Vainer (2007) que podemos perceber essa necessidade, quando o autor cita Castells e Borja, mostrando que

Cabe ainda ao governo local a promoção interna à cidade para dotar seus habitantes de “patriotismo cívico”, de sentido de pertencimento, de vontade coletiva de participação e de confiança e crença no futuro da urbe. Esta promoção interna deve apoiar-se em obras e serviços visíveis, tanto os que têm um caráter monumental e simbólico como os dirigidos a melhorar a qualidade dos espaços públicos e o bem-estar da população (CASTELLS; BORJA, 1996 apud VAINER, 2007, p. 94).

Assim, o planejamento estratégico traz uma tripla dimensão à cidade. Como nos adverte o autor, a cidade é vista pelos estrategistas como uma mercadoria, como uma empresa e como uma pátria.

O projeto “Centro Vivo”, com o seu objetivo de “revitalizar”<sup>37</sup> o centro histórico da cidade de Manaus, certamente se inspirou no planejamento estratégico, e as ações desenvolvidas, dentre elas, a Feira Internacional de Gastronomia “Sabores do Mundo”, estavam voltadas aos consumidores que se desejam para a cidade-mercadoria-empresa, quais sejam os turistas, que, por sua vez, esperam que a cidade ofereça conforto, segurança e atrativos.

Nesse sentido, pode-se perceber a preocupação do poder público municipal em garantir as atrações, bem como em frisar que a segurança no local está garantida:

---

<sup>36</sup> Sobre essa despolitização do espaço urbano, Carlos Vainer (2007, p. 90) aponta que “a cidade empresa atua no mercado de cidade e deve ser competitiva, ágil, flexível [...] os controles políticos são estranhos a um espaço social onde o que vale são os resultados”.

<sup>37</sup> “As revitalizações urbanas e todas as demais denominações de prefixo ‘re’ renovação, reabilitação, requalificação, regeneração, entre outras, percorrem a agenda urbana do mundo globalizado. Tais denominações estão relacionadas a leituras diferenciadas do espaço e da problemática, podendo ser entendidas como uma reestruturação funcional, arquitetônica e sócio-cultural inserida num conjunto de programas e projetos, públicos ou da iniciativa autônoma, que incidem sobre as relações sociais e os tecidos urbanos”. (VAZ; JACQUES, 2001 apud PRADO, 2007, p. 2).

A Feira Internacional de Gastronomia “Sabores do Mundo” é palco de shows ao vivo com cantores e músicos da terra, artistas circenses e grupos de dança; e proporciona muito divertimento aos aficionados nos jogos de dominó, xadrez, damas, tênis de mesa e amarelinha, oferecidos gratuitamente (MANAUS, 2008d).

E a Prefeitura ainda lembra que “A segurança do local é garantida pela presença da polícia militar e guarda metropolitana” (MANAUS, 2008d).

Dessa maneira, sendo um evento voltado para turistas, é perceptível a preocupação do poder público em mostrar que o local “vale a pena”, é aprazível, seguro. Mas como são vistas as pessoas que vivem e trabalham naquele espaço? Em que medida essa revitalização atende às suas necessidades e reivindicações?

Vê-se, portanto, que setores dominantes buscam conformar o espaço de acordo com os seus interesses econômicos e políticos, e, ao olhar para a área da Manaus Moderna, enxergam-na como potencial de lucratividade, um espaço em potencial para atração de turistas e, conseqüentemente, de investimentos/investidores, mostrando sua inspiração no planejamento estratégico. Assim, ao que parece, para esses setores da elite prevalece a concepção de que, ao investir na cidade para que ela seja atraente ao capital estrangeiro, os problemas urbanos, dentre eles o da exclusão, seriam automaticamente solucionados com os investimentos privados.

## Referências

### Depoentes

FABIANO DA SILVA PAZ. Data da entrevista: 25 de junho de 2008.

JOSÉ MORAES DA PAZ. Data da entrevista: 28 de junho de 2008.

JOSILDO DOS SANTOS. Data da entrevista: 22 de abril de 2010.

LUIZ MAIA TEIXEIRA. Data da entrevista: 3 de julho de 2007.

MÁRCIO ROBERTO ROCHA AGUIAR. Data das entrevistas: 20 de abril de 2005 e 27 de junho de 2007.

Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”  
Patrícia Rodrigues Silva

SEBASTIÃO DE SOUZA GARCIA (“SEU” SABÁ). Data da entrevista: 26 de maio de 2007.

### *Bibliográficas*

AMAZONAS, 1986. Programa de melhorias físicas do município de Manaus - AM. Contrato nº 019/86. Termos aditivos.

ARANTES, Antônio. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência. In: ARANTES, Antônio.. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. São Paulo: Imprensa Oficial; Campinas, SP: EDUNICAMP, 2000.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CERTEAU, Michael.. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Francisca Deusa Sena. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890/1915)**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

COSTA, Ideraldo et al. (Coord.). **As origens do Mercado Municipal de Manaus: 1850-1883**. Trabalho provisório de circulação interna da Fundação Nacional Pró-Memória. Manaus: Fundação Nacional Pró-Memória, 1988

CUNHA, Neiva Maria. O “modelo Barcelona” em questão: megaeventos e marketing urbano na construção da cidade-olímpica. Disponível em:  
<http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/15artigo29.pdf>.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920**. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

FARIAS, Orlando. **A dança dos botos e outros mamíferos do poder**. Manaus: Valer, 2010.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. **Projeto história**, São Paulo, Departamento de História da PUC/SP, n. 24, jun. 2002.

JORNAL A CRÍTICA. Manaus, 07 de Maio de 2010.

JORNAL AMAZONAS EM TEMPO. Manaus, 17 ago. 2008.

Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”  
Patrícia Rodrigues Silva

JORNAL REPÓRTER. **Manaus Moderna cai aos pedaços**. [S.l.], 23 maio 2008. Disponível em: <[http://www.ticonecta.com.br/reporter/index.php?option=com\\_content&task=view&id=25&Itemid=29](http://www.ticonecta.com.br/reporter/index.php?option=com_content&task=view&id=25&Itemid=29)>. Acesso em: 25 ago. 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2004.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

MANAUS. Prefeitura Municipal de Manaus. **Feira de gastronomia acontece na Manaus Moderna**. Manaus, 2008a. Disponível em: <<http://www.pmm.am.gov.br/turismo/noticias/feira-de-gastronomia-acontece-na-manaus-moderna>>. Acesso em: 26 nov. 2008.

MANAUS. Prefeitura Municipal de Manaus. **Projeto Centro Vivo**. Manaus, 2008d. Disponível em: <<http://www.manaus.am.gov.br/centrovivo/oprojeto.html>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

MANAUS. Prefeitura Municipal de Manaus. **Choque de ordem**. Manaus, 8 out. 2010b. Disponível em: <<http://www.manaus.am.gov.br/noticias/2010cchoque-de-ordem2010d>>. Acesso em: 18 out. 2010.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: história e arquitetura – 1852-1910**. 3. ed. Manaus: Valer/Prefeitura de Manaus/Uninorte, 2006.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. Campinas: Unicamp, 1997.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus 1899-1925**. 2. ed. Manaus: EDUA, 2003.

PRADO, Ana. Os sentidos da transformação: arte, cultura e espaço urbano em Santa Teresa - RJ. **Cidade sem nome** (revista eletrônica), v. 4, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.cidadesemnome.org.br/artigos/2007-1-santateresa.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SKYSCRAPERCITY. **Amazonas Notícias III: “Dentro de 150 dias eu retiro os camelôs”**. [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=54657109>>. Acesso em: 18 out. 2010.

SOUZA, Leno José Barata. **Cidade Flutuante: uma Manaus sobre as águas (1920-1967)**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”

*Patrícia Rodrigues Silva*

Recebido em 29/02/2016  
Aprovado em 29/04/2016

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
**Programa de Pós-Graduação em História - PPGH**

Revista Tempo e Argumento  
Volume 08 - Número 17 - Ano 2016  
tempoeargumento@gmail.com